

País é o caos, diz embaixador

Para Koichi Komura, embaixador do Japão, o Brasil só terá investimentos e financiamentos externos se voltar à normalidade

A exceção de uma minoria de empresários que conhece o Brasil, a realidade é que não há ninguém que deseje investir num país onde parece imperar o caos", afirmou ontem o embaixador do Japão no Brasil, Koichi Komura. Inflação alta, elevado déficit público, problemas de pagamento da dívida externa e instabilidade econômica e política. Dentro desse quadro, segundo o embaixador, o Brasil só poderá contar com novos financiamentos internacionais e investimentos externos se voltar à normalidade.

Isso significa dizer: reatar as boas relações com a comunidade financeira internacional, combater eficientemente a desordem econômica interna e, além de não criar novos problemas (referências à

Constituinte) às empresas estrangeiras, derrubar os já existentes, como excessiva intervenção governamental sobre a atividade produtiva, demasiada restrição à importação de insumos de alta qualidade e tecnologia e "grande hesitação" do governo no pagamento de royalties.

Komura participou do seminário Brasil/Japão, Novos Caminhos de Cooperação, promovido pelos jornais Nihon Keizai Shimbun, do Japão, e Gazeta Mercantil. Depois de ouvir o presidente do Bradesco, Lázaro de Mello Brandão, afirmar que a conversão da dívida brasileira é uma boa oportunidade para as empresas japonesas aumentarem seus investimentos no Brasil (hoje em declínio), Komura disse que apesar de o Japão estar investindo dinamicamente no Exterior, a confu-

são reinante na economia brasileira torna o País desinteressante para os investidores.

Komura afirmou que o Japão, como grande exportador de capital, está pronto para destinar recursos ao Brasil, desde que eles sejam usados na atividade produtiva compensadora e não no pagamento da dívida externa. Ele acredita que o Brasil não tem qualquer problema para saldar seus compromissos financeiros, já que pode elevar as exportações de apenas 7% do Produto Interno Bruto para no mínimo 13%,

conseguindo superávits comerciais de mais de US\$ 20 bilhões. Entretanto, mesmo para conseguir investimentos produtivos, o Brasil terá de demonstrar um enorme esforço de todo seu povo na solução dos problemas internos. É o mínimo que o povo japonês espera de um país que recebe recursos do Japão, disse Komura.

Para o diretor-superintendente do Banco de Tokyo, Tamotsu Yamaguchi, o Brasil deve adotar soluções ortodoxas para o problema da dívida e para normalização da eco-

nomia interna. Só assim poderá recuperar sua credibilidade junto à comunidade internacional. "Como amigo do Brasil, o Japão tem preparados os ativos financeiros para este mercado, desde que essas condições sejam atingidas", acrescentou o ex-ministro do Exterior do Japão, Tadamichi Kuranari. Ao encerrar o encontro, o presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, Mário Amato, garantiu aos japoneses que "a expectativa dos empresários brasileiros é a mesma da dos empresários do Japão".

Japão investiu 2,5 bilhões

Os investimentos japoneses no Brasil, nos últimos 80 anos, somam, US\$ 2,5 bilhões, segundo dados do Banco Central. Até 1984, havia 363 empresas com capital japonês no Brasil, empregando cem mil trabalhadores. Isso corresponde a 9,3% do total de investimentos estrangeiros no País.

Mas é muito pouco, compara-

do ao total dos investimentos japoneses no mundo: US\$ 106 bilhões até o ano fiscal de 1986, a maior parte (33,5%) concentrada nos Estados Unidos.

Dos US\$ 22,3 bilhões que o Japão investiu no Exterior em 86, apenas 0,5% (US\$ 123 milhões) foi destinado ao Brasil e, segundo o diretor supe-

rintendente do Banco de Tokyo, Tamotsu Yamaguchi, esse fluxo vem caindo. A dívida externa do Brasil para com os bancos japoneses soma US\$ 10,7 bilhões, 15% do total dos empréstimos obtidos junto a bancos privados estrangeiros. No ano passado, a balança comercial entre os dois países teve um saldo positivo de US\$ 800 milhões para o Brasil.